



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

PALOMA DE OLIVEIRA TIMO

A COMUNICAÇÃO COMO ARMA CONTRA A INDIFERENÇA
Um vídeo ensaio

Brasília - DF
2019

PALOMA DE OLIVEIRA TIMO

A COMUNICAÇÃO COMO ARMA CONTRA A INDIFERENÇA

Um vídeo ensaio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação Comunicação Organizacional - sob a orientação da Profa. Dra. Érika Bauer de Oliveira.

Brasília - DF

2019

PALOMA DE OLIVEIRA TIMO

A COMUNICAÇÃO COMO ARMA CONTRA A INDIFERENÇA
Um vídeo ensaio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação Comunicação Organizacional - sob a orientação da Profa. Dra. Érika Bauer de Oliveira.

Brasília - DF, ____ de _____ de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Érika Bauer de Oliveira
Universidade de Brasília

Prof. Dra. Dácia Ibiapina da Silva
Universidade de Brasília

Prof. Ms. Carlos Henrique Novis
Universidade de Brasília

Para Theus, Pedarthur, João Marcos e Mariazinha.

AGRADECIMENTOS

A Deus, de quem recebi o amor.

A minha família, onde conheci o amor.

A minha comunidade, quando experimentei o amor. Cada um sabe de sua importância e do necessário suporte oferecido em tempos tão turbulentos.

A Érika Bauer, minha orientadora, por toda compreensão e incentivo.

Aos professores e servidores da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, por possibilitarem grandes aventuras.

A Giovanna, Letícia e Maiara, queridas parceiras e habilidosas bombeiras nos incontáveis incêndios comunicacionais durante a graduação.

A todos que, nas menores ações e palavras, me empurraram para longe da minha zona de conforto. Não conseguiria citar todos os nomes.

"Se o fiz bem, de maneira conveniente a uma composição escrita, era justamente isso que eu queria; se vulgarmente e de modo medíocre, é isso o que me foi possível. De fato, como é nocivo beber somente vinho, ou somente água, ao passo que o vinho misturado à água é agradável e causa um prazer delicioso, assim é a arte de dispor a narrativa, que encanta a inteligência de quem lê o livro. Aqui, porém, será o fim." (2Mc 15, 38s)

RESUMO

Este memorial apresenta a proposta de fazer uma comunicação direcionada ao diálogo profícuo abordada no vídeo ensaio "A Comunicação como arma contra a indiferença". Com a virada do século, o cinema têm apresentado novas estratégias narrativas. Contudo, é preciso verificar a profundidade dos temas tratados numa arte com tanto poder de alcance. O vídeo ensaio produzido procurou apresentar uma alternativa de debate para a produção de filmes de qualidade e com um real impacto nos seus espectadores.

Palavras-chave: Comunicação. Cinema. Ensaio. Indiferença. Diálogo.

O vídeo está disponível em: <https://youtu.be/h-IUuebFkzs>

ABSTRACT

This memorial presents an alternative way of communication work directed to a efficient dialogue discussed on the video essay "Communication as a weapon against indifference". With the new century arrival, movies have presented new narrative estrategies. However, it is necessary to verify the chosen theme's depth on such a high-reach power art. The video essay produced tried to propose an alternative for the debate of quality movies with a real impact on it's viewers.

Keywords: Communication. Cinema. Essay. Indiference. Dialogue.

The video is available on: <https://youtu.be/h-IUuebFkzs>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PROBLEMA DE PESQUISA	11
2.1	DE ONDE VEIO A INDIFERENÇA	11
3	JUSTIFICATIVA	12
3.1	A ESSÊNCIA MATERIALIZADA	12
4	OBJETIVOS	13
4.1	OBJETIVO GERAL	13
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
5	REFERENCIAL TEÓRICO	14
5.1	TUDO É TELA	14
5.2	CINEMA, TESTEMUNHA E AGENTE	15
5.3	COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL, INTEGRADA POR NATUREZA	15
6	METODOLOGIA	17
6.1	ENTRAR NA ÁREA DE COMBATE	17
6.2	EDIÇÃO DE VÍDEO E SOM	18
7	CONCLUSÃO	19
	REFERÊNCIAS	20
	ANEXO A — TRANSCRIÇÃO DE FALAS	23

1 INTRODUÇÃO

O século XXI e seus avanços tecnológicos certamente trouxeram várias comodidades e possibilidades para a sociedade. Talvez um de seus maiores legados seja o encurtamento das falsas distâncias físicas pela internet. A comunicação entre os indivíduos sofreu uma transformação absurda: agora não há mais barreiras de espaço ou mesmo tempo, já que nos é permitido estar conectados 24 horas por dia, 7 dias da semana.

Crary (2016) argumenta que esse estilo de vida "apresenta uma ilusão de um tempo sem espera, de uma disponibilidade instantânea, de permanecer isolado da presença dos outros" (CRARY, 2016, p. 133). Nesse contexto, a comunicação parece cada vez menos pessoal, orgânica. O tempo é de suma importância e a agilidade, imprescindível. Com uma avalanche de informação de todos os lados, a paciência para ouvir o outro se desgasta e vivemos uma era de contradição. A contradição de estarmos nunca sozinhos e sempre solitários.

O cinema responde às inquietações humanas, seja iniciando o debate, seja dando escapatórias para elas. Lipovestky e Serroy (2009) abordam a onipresença das telas no que chamam de hipercinema, um "poderoso construtor de mitos e lendas" (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 160). Para os autores, o cinema tem a inata capacidade de conduzir o fio da história ao promover a reflexão e o diálogo.

Temáticas que abordam "a solidão, a incomunicabilidade, o silêncio, a liberdade, a memória, a violência, a errância" (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 47) não deixaram as inquietações da era moderna. O que acontece hoje é um exagero do que já têm sido denunciado pelo início do século XX. Contudo, os cineastas deste século têm utilizado de alternativas narrativas para a intensificação das temáticas citadas.

Há uma significativa quantidade de filmes produzidos depois de 2000 que abraçam outras estratégias de contar uma história. Filmes interativos, com óculos de realidade virtual; filmes que nasceram de histórias de quadrinhos ou de jogos de *video games* e filmes que se comprometem a narrar a trama apenas numa tela de computador são apenas alguns dos exemplos das novas produções cinematográficas. Mas é plausível pensar também em temáticas que criem outras conexões entre as histórias e os espectadores.

A comunicação é um instrumento de memória potente para o resgate de redes de afeto que podem sair do âmbito imaginário e virtual que têm crescido com o advento das telas interativas. O que é tratado nessas telas pode ser instrumento para a saída do ser humano desta indiferença: justamente usar o que, em algum momento, ou sempre, é causa de distanciamento, para juntar o que estava

espalhado.

Não somente filmes que abordam o sofrimento humano, mas que falam sobre o passado e o futuro e, assim, convidam o espectador a pensar em sua própria trama, sua própria jornada. Tendo isso em mente, é preciso pensar propostas para a análise fílmica contemporânea. Refletir sobre produções já existentes e quais suas contribuições para a vida cotidiana é um meio de usar da comunicação contra a indiferença. Assim, com a criação de um vídeo ensaio¹, é possível iniciar esta discussão.

¹ Aqui e em todo o memorial, o termo "vídeo ensaio" refere-se à produção audiovisual caracterizada pela exposição de um ensaio acadêmico em forma de vídeo, utilizando-se de técnicas já exploradas ou não na história do audiovisual. Esse tipo de obra está em crescimento em plataformas de vídeos famosas como YouTube e Vimeo.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

O livro *A Tela Global* (2009) de Gilles Lipovestki e Jean Serroy acompanhou a maioria das inquietações durante a graduação. A abordagem única sobre a contemporaneidade e suas relações com a mídia despertou a pergunta: "A era hipermoderna pode ser usada tanto como instrumento de resistência à individualização que ela mesma propõe?"

2.1 DE ONDE VEIO A INDIFERENÇA

Tendo base também outras leituras realizadas durante os últimos semestres, foi possível elaborar um contexto no qual todos estão imersos: uma infinidade de telas carregadas de informações que podem ou não condizer com a realidade. Seja em redes sociais, notícias, obras de ficções ou a câmera do celular, há uma crise da imagem e, conseqüentemente, da visão. As imagens podem ser facilmente manipuladas levando em conta seus intuitos e assim a visão é constantemente corrompida.

Esta dificuldade de estabelecer conexões reais com o outro leva cada um a recolher-se em si mesmo, esperando nada mais do que a sua própria companhia. Nesta solidão, talvez até autoimposta, nasce a indiferença, o descaso com o que é externo.

3 JUSTIFICATIVA

O cenário acadêmico da pesquisa cinematográfica se mostra favorável. Sobretudo por estar focado, ainda, no cinema clássico e no cinema moderno. Novas pesquisas que abrangem o cinema contemporâneo são recebidas com entusiasmos por seu diálogo com as novas tecnologias emergentes e a necessidade de discutilas.

Foi observado uma grande quantidade de produções acadêmicas nos formatos já conhecidos para a exposição de pensamentos, como artigos, teses, monografias e afins, mas não uma produção audiovisual voltada para o debate de um tema específico com uma interação entre mídias. Muitos vídeos ensaio podem ser encontrados numa rápida pesquisa no *YouTube*, mas poucos deles baseiam-se em pesquisas bibliográficas e constatação de evidências.

Além disso, a motivação pessoal da autora por ser um assunto que sempre esteve presente durante a graduação. O livro *A Tela Global* de Gilles Lipovetsky, primeira obra das referências e base para o tema da pesquisa, apareceu pela primeira vez no primeiro semestre e, até o presente, oitavo, tem deixado rastros de seu pensamento pela reflexão de todos os estudos e trabalhos realizados.

3.1 A ESSÊNCIA MATERIALIZADA

A metalinguagem presente ao falar sobre algo e utilizar de suas linguagens e elementos soa clichê, mas também muito sábio. Colocar as conclusões tomadas de forma "concreta", ou seja, como uma produção audiovisual pensada e estruturada afim de passar uma mensagem é materializar a própria essência do trabalho.

Com esta perspectiva, o trabalho pode enriquecer tanto em conteúdo quanto em ferramentas. Apesar de ser um produto para a obtenção da habilitação em Comunicação Organizacional, e não possuir os exatos cuidados e desenvolvimentos técnicos presentes de um graduando em Audiovisual, o trabalho também reflete a própria graduação: integrada por natureza.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Realizar um vídeo ensaio que abra a discussão sobre o papel que a comunicação, sobretudo audiovisual, exerce nas relações dos indivíduos.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Entender as relações entre a pluralidade das telas e as relações imaginárias decorrentes estabelecidas na percepção do cinema contemporâneo;
- b. Abordar o contexto de incomunicação pessoal que as novas tecnologias apresentam para o ser humano do século XXI;
- c. Examinar os diferentes entendimentos sobre as relações humanas presentes na produção cinematográfica contemporânea;
- d. Investigar a profundidade da representação cinematográfica na compreensão de identidade pessoal e comunitária dos consumidores;
- e. Analisar opções de utilização de multiplicidade de narração oriundas de plataformas diversas de entretenimento;
- f. Propor uma saída para o problema da indiferença usando a comunicação.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 TUDO É TELA

Jonathan Crary apresentou ao mundo seu conceito de capitalismo tardio chamado "24/7" em 2016. No livro 24/7: O capitalismo tardio e os fins do sono, explanou a brusca mudança no comportamento humano com seu exterior, sobretudo o trabalho.

"Há muita pressão para que os indivíduos reimaginem e reconfigurem-se a si mesmos, identificando-se com as uniformidades e valores das mercadorias, bem como dos vínculos sociais desmaterializados nos quais estão tão profundamente imersos." (CRARY, 2016, p. 109).

O mundo atual é marcado pela constante conexão. Todos se encontram num permanente estado de conectividade que permite a transmissão de qualquer tipo de mensagem a todo momento. Mas, em contrapartida, essa situação não previne a solidão que provém das relações estabelecidas fora dos espaços físicos.

Este momento histórico é denominado hipermodernidade por Lipovetsky e Serroy (2009). Imersos em diversas oportunidades de comunicação, os indivíduos perdem o poder de naturalmente se comunicar e a maioria dos estímulos recebidos têm pouca importância pois não possuem cargas suficientemente humanas.

"A sociedade hipermoderna é a que é dominada pela categoria temporal do presente. Consumo, publicidade, informação, modas, lazeres: sobre o fundo do esgotamento das grandes doutrinas futuristas, é toda a cotidianidade que é agora remodelada pelas normas do aqui-agora e da instantaneidade." (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 158).

Com a onipresença de telas, essas mudanças na sociedade causam uma reação em cadeia nos mais diversos aspectos. Para os fins deste produto, foram observadas as mudanças na produção audiovisual do século XXI. O cinema contemporâneo está em constante reinvenção: seja para angariar espectadores cada vez menos interessados em longas produções audiovisuais, seja para tratar de temas que surgem de inquietações que a vida atual traz.

Mas, sobretudo no tempo presente, é necessário procurar novas estratégias. Talvez novas formas de contar velhas histórias, como os famosos e recorrentes *reboots* ou *live-actions*; ou ainda, velhas formas de contar novas histórias nas sequências de grandes franquias. Mesmo assim, a indústria cinematográfica ainda apresenta filmes de qualidade e profunda reflexão sobre diversas temáticas e situações possíveis apenas nos novos tempos vividos.

"remetendo o homem contemporâneo ao centro de uma história em que ele pode facilmente se projetar. Quanto mais se distancia de si, mais ele se reconhece em casa: na hipermodernidade, mesmo o passado distante está

em contato com o presente.” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 164).

Essa aparente ruptura no tempo cronológico, trazido pelo 24/7, desemboca na percepção cinemática da história. Hoje, quantas produções procuram dar outros significados ou interpretações a conhecidos momentos históricos? Muitas, como expostas no vídeo ensaio. Essa decisão criativa é uma oportuna forma de tratar de problemas humanos, que sempre existiram e sempre existirão.

O público alvo também, obviamente, se modificou. Com as novas tecnologias, rotinas, estruturações de vida e trabalho, a forma de consumir também é nova. Por isso, o público que consome o cinema contemporâneo também é provido de uma nova forma de assistir, experienciar, saborear e interpretar filmes.

5.2 CINEMA, TESTEMUNHA E AGENTE

Nesse cenário, pode-se identificar uma característica do fazer cinema. Paiva (2007) o coloca num local filosófico:

“O cinema – num certo sentido – não cessa de atualizar a filosofia e vai fundo em sua contemplação da sociedade midiaticizada e da cultura tecnológica, adicionando um componente audiovisual, lúdico e afetivo, uma razão sensível que revigora a imaginação crítica, vigilante e compreensiva acerca do universo paralelo.” (PAIVA, 2007, p. 191).

Como em toda expressão pessoal, o cinema toca o ser para refletir sobre o universo ao seu redor. Mas o cinema vai além: coloca um elemento mais doce ao paladar, mais suave ao entendimento. Em seus diversos gêneros, o cinema se transforma ao longo do tempo para ser lugar de manifestação dos questionamentos humanos.

Ademais, é uma construção conjunta. Quanto mais disciplinas atuando em favor do mesmo resultado final, melhor. Aqui é introduzida uma característica que coloca a produção audiovisual muito próxima da Comunicação Organizacional.

5.3 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL, INTEGRADA POR NATUREZA

A Comunicação Organizacional pode ser compreendida e utilizada em vários processos de uma construção criativa. Uma de suas principais características é a integração. Lima e Maimoni (2012) explanam uma possibilidade de atuação do profissional de Comunicação Organizacional na chamada Comunicação integrada².

"Integração, nesse sentido, compreende a coordenação das funções

² Entende-se por comunicação integrada a abordagem transparente e multidisciplinar dos processos comunicacionais de uma construção coletiva em algum projeto/produto/método de comunicação institucional.

mercadológicas das organizações de modo que suas mensagens de marca sejam consistentes, coerentes e sem contradições internas." (LIMA; MAIMONI, 2012, p. 99). Pode-se perceber a contribuição que essa nova forma de olhar a Comunicação traz quando observamos o caráter inato de unir e estabelecer relações entre diferentes componentes.

Desse plano de ação, só é possível o benefício. A abertura ao diálogo e à interação incentivam os indivíduos para fora de suas zonas de conforto. Assim também ocorre em composições artísticas. A Comunicação Organizacional, obviamente, é voltada para a integração de instituições, mas isso não exclui o trabalho criativo da profissão. Isto é, a habilitação de Comunicação Organizacional também exige um esforço artístico em suas atribuições.

6 METODOLOGIA

Para elaborar um vídeo ensaio, foi necessário bastante pesquisa empírica. Assistir muitos vídeos semelhantes e testar técnicas de edição que favorecessem a passagem da mensagem foi o mais importante e inevitável. As escolhas estéticas na montagem e edição do produto também se deram pelo aprendizado adquirido durante os anos de graduação. Elementos como música e silêncio são bastante utilizados para compor um ritmo na estrutura narrativa sem deixá-la monótona ou cansativa. O objetivo não era fazer o espectador dormir, nem assustá-lo com muitas referências. Para tanto, foi de grande ajuda observar o que faz sucesso com grandes públicos no *YouTube*, maior fonte desse tipo de produção.

A escolha de filmes apenas depois dos anos 2000 se deu pelo fato de serem justamente essas produções que evidenciam os argumentos apresentados. São produções que tiveram alguma repercussão mundial e tratam de temas que procuram responder aos questionamentos que o novo século trouxe, como a desconexão pessoal e uma nova globalização. Além disso, foram elegidos apenas filmes produzidos por estúdios estadunidenses, expoentes na indústria e experientes no estilo de vida 24/7.

6.1 ENTRAR NA ÁREA DE COMBATE

A escolha de um vídeo ensaio aconteceu por um grande motivo: é uma alternativa. O vídeo ensaio sai do que é tido como corriqueiro na *internet*: alguém expondo sua opinião com pouca pesquisa. Os argumentos apresentados no vídeo provém de uma pesquisa acadêmica. Logo, é primeiro baseada numa inquietação pessoal mas que passou por lapidações científicas.

As vertentes teóricas onde o produto se encaixa foram apresentadas durante os oito semestres da graduação e adicionadas ao conhecimento adquirido à parte no mesmo período de tempo. O conhecimento acadêmico se juntou à experiência de ávida contempladora do cotidiano. Tendo em vista o objetivo do vídeo ensaio de abrir o diálogo, coube utilizar deste gênero do audiovisual para transmitir a mensagem.

Assim, era necessário utilizar do que é causa do problema para combater o mesmo. Se os vídeos, muitas vezes com pouco conteúdo, são causa de alienação, é executável uma alternativa, uma saída.

6.2 EDIÇÃO DE VÍDEO E SOM

Toda edição de vídeo e som foi realizada pela autora. A edição de vídeo foi permitida pelo aprendizado adquirido proveniente da necessidade de inovar durante a graduação. Também a prática da edição de som, realizada no Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, foi intensificada especialmente com disciplinas específicas na vivência universitária.

7 CONCLUSÃO

A produção audiovisual pode ser utilizada para os mais diversos fins. Nos estudos realizados para a elaboração deste projeto experimental, foi possível constatar uma pequena amostra do imenso poder de persuasão que uma obra pode oferecer. O correto direcionamento de inúmeras inquietações que nascem do viver permite um viver com mais sentido, ou seja, é de suma importância perceber que o que, por muitas vezes, foi utilizado para destruir, pode ser alicerce de construção.

Uma grande onda de indiferença é perceptível nestes tempos. O ser humano dessa era, afundado em desesperança, pode sair de sua solidão, dado o exato impulso. A Comunicação pode ajudar nisso. Seja com filmes, seja promovendo a integração de partes. Cada um faz o que lhe é cabível e, assim, partes podem se tornar um todo.

O cinema é tanto testemunha quanto agente da história. Esta arte não passa despercebido pelos historiadores desde sua criação, nem pode desperceber o que acontece no seu contexto. Portanto, nada faria mais sentido do que usá-la também no momento histórico que vivenciamos. O descaso com o outro é fonte de uma inércia que empaca a sociedade no vazio. A falta de paciência e abertura ao diálogo impede o cuidado, a empatia, a democracia.

É possível aprender do passado e esperar um futuro melhor. Usar de antigas fontes para a criação de novos significados e fazer memória de acontecimentos pelo cinema memorial. Ter esperança com as ficções científicas e abraçar o desconhecido nas novas tecnologias. E nunca perder o hábito de contar histórias, assim, é possível lutar contra a indiferença.

REFERÊNCIAS

A CHEGADA. Direção de Denis Villeneuve. Produção de Shawn Levy. Estados Unidos: FilmNation Entertainment, 2016. Longa Metragem (116min).

A ORIGEM. Direção de Christopher Nolan. Produção de Christopher Nolan. Estados Unidos: Legendary Pictures, 2010. Longa Metragem (148min).

A TEORIA de Tudo. Direção de James Marsh. Produção de Tim Bevan. Reino Unido: Working Title Films, 2014. Longa Metragem (123min).

AFTER. Direção de Jenny Gage. Produção de Anna Todd. Estados Unidos: CalMaple Films, 2019. Longa Metragem (106min).

BEM-VINDOS a Marwen. Direção de Robert Zemeckis. Produção de Jack Rapke. Estados Unidos: Universal Pictures, 2018. Longa Metragem (116min).

BOHEMIAN Rhapsody. Direção de Bryan Singer. Produção de Graham King. Reino Unido: 20th Century Fox, 2018. Longa Metragem (134min).

BUSCANDO. Direção de Aneesh Chaganty. Produção de Timur Bekmambetov. Estados Unidos: Bazelevs Company, 2018. Longa Metragem (102min).

CHION, Michel. **A Audiovisão**: Som e Imagem no Cinema. Tradução Pedro Elói Duarte. 3. ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2016.

CISNE Negro. Direção de Darren Aronofsky. Produção de Scott Franklin. Estados Unidos: Cross Creek Pictures, 2010. Longa Metragem (108min).

CRARY, Jonathan. **24/7 - Capitalismo Tardio e os Fins do Sono**. Tradução Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu, 2016. (Coleção Exit).

ELA. Direção de Spike Jonze. Produção de Megan Ellison. Estados Unidos: Annapurna Pictures, 2013. Longa Metragem (126min).

EU, TONYA. Direção de Craig Gillespie. Produção de Tom Ackerley. Estados Unidos: LuckyChap Entertainment, 2017. Longa Metragem (117min).

HOMEM-ARANHA: No Aranhaverso. Direção de Bob Persichetti. Produção de Avi Arad. Estados Unidos: Sony Pictures Animation, 2018. Animação (117min).

IT: A Coisa. Direção de Andy Muschietti. Produção de Roy Lee. Estados Unidos: New Line Cinema, 2017. Longa Metragem (135min).

JOGOS Vorazes: A Esperança - Final. Direção de Francis Lawrence. Produção de Nina Jacobson. Estados Unidos: Color Force, 2015. Longa Metragem (137min).

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

LESSONS from the Screenplay: Canal do YouTube. Direção de Michael Tucker. 2016.

Disponível

em:

https://www.youtube.com/channel/UCErSSa3CaP_GJxmFpdjG9Jw. Acesso em: 4 Set. 2019.

LIESEN, Maurício. O entre do meio: re-flexões sobre o conceito de intermedialidade. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE INTERMIDIALIDADE, 1°. 2014, São Paulo: Blucher, 2015.

LIMA, Fábila Pereira; MAIMONI, Hérica Luzia. Comunicação integrada: perspectivas e desafios. *In*: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes (Org.); LIMA, Fábila Pereira (Org.). **Propostas conceituais para a comunicação no contexto organizacional**. 1. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2012. cap. 5, p. 95-105.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Tela Global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Tradução Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MOONRISE Kingdom. Direção de Wes Anderson. Produção de Jeremy Dawson. Estados Unidos: American Empirical Pictures, 2012. Longa Metragem (94min).

MÜLLER, Adalberto. Além da literatura, alguém do cinema?: Considerações sobre a intermedialidade. **outraTravessia**, Santa Catarina, n. 7, p. 47-53, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/11974/11239>. Acesso em: 10 Set. 2019.

NERVE. Direção de Henry Joost e Ariel Schulman. Estados Unidos: Lionsgate, 2016. Longa Metragem (96min).

O FANTÁSTICO Sr. Raposo. Direção de Wes Anderson. Produção de Wes Anderson. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009. Animação (87min).

O JOGO da Imitação. Direção de Morten Tyldum. Produção de Nora Grossman. Estados Unidos: Black Bear Pictures, 2014. Longa Metragem (114min).

O LADO Bom da Vida. Direção de David O. Russell. Produção de Bruce Cohen. Estados Unidos: The Weinstein Company, 2012. Longa Metragem (122min).

O MENINO que Descobriu o Vento. Direção de Chiwetel Ejiofor. Produção de Andrea Calderwood. Reino Unido: Participant Media, 2019. Longa Metragem (113min).

O REI DO SHOW. Direção de Michael Gracey. Produção de Laurence Mark. Estados Unidos: Chernin Entertainment, 2017. Longa Metragem (105min).

PAIVA, Cláudio Cardoso de. O cinema, a realidade virtual e a memória do futuro. **Fronteira - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 3, p. 188-196, set/dez 2007.

PAIVA, Cláudio Cardoso. **O cinema de Hollywood e a invenção da América**: mídias e interculturalidades locais e globais. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-hollywood-invencao-america.pdf>. Acesso em: 1 Nov. 2019.

PEQUENA Miss Sunshine. Direção de Jonathan Dayton e Valerie Faris. Produção de Albert Berger. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2006. Longa Metragem (101min).

PERDIDO em Marte. Direção de Ridley Scott. Produção de Simon Kinberg. Estados Unidos: Scott Free Productions, 2015. Longa Metragem (141min).

SETE Minutos Depois da Meia-Noite. Direção de J. A. Bayona. Produção de Belén Atienza. Espanha: Apaches Entertainment, 2016. Longa Metragem (108min).

SILÊNCIO. Direção de Martin Scorsese. Produção de Martin Scorsese. Estados Unidos: Cappa Defina Productions, 2016. Longa Metragem (161min).

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estrutura mítica para escritores. Tradução Petê Rissatti. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

WALL E. Direção de Andrew Stanton. Produção de Jim Morris. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2008. Animação (98min).

À PROCURA da Felicidade. Direção de Gabriele Muccino. Produção de Todd Black. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2006. Longa Metragem (117min).

ANEXO A — TRANSCRIÇÃO DE FALAS

Os estudos que permeiam a área da Comunicação se dedicam às mais diversas discussões. Seja sobre o conceito próprio do nome, seja sobre seus desdobramentos na vida cotidiana. A Comunicação pode ser encontrada, arrisco dizer, em todos os sentidos do que nos tornam humanos. Desde a comunicação “passagem de uma mensagem”, até a comunicação “de não entender nada”.

Jonathan Crary dedica-se a um entendimento mais filosófico da comunicação. Em 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono, Crary critica as relações imaginárias estabelecidas entre os indivíduos pela tecnologia. Este estilo de vida isolador e ao mesmo tempo onipresente torna a fragilidade humana numa mera inconveniência. O cerne da questão, para Crary, está no consumismo exagerado “de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e muitas vezes fatal.”

Ao mesmo tempo que todos são influenciados para os mesmos hábitos, segundo Crary, o que ocorre é uma super personalização até do entretenimento.

Você decide o que vai assistir, o que vai ouvir, o que vai ler. Mas o mais importante: quando vai assistir, quando vai ouvir, quando vai ler.

Já que temporalidade humana com todas suas particularidades, consequências, imposições e complicações não existe mais, estamos sempre em movimento.

Quando se trabalha 24 horas por dia/7 dias por semana, não há espaço para a distração saudável. Estamos em um estado permanente de distração consciente, onde não há tempo o suficiente para se assimilar completamente todos os estímulos recebidos. Perde-se o tempo de reflexão.

Esta autonomia cria indivíduos apáticos e alienados, que, mesmo numa era de acesso à informação quase ilimitada, preferem estar aquém do mundo real.

Uma face desse estilo de vida é retratado no futurista Ela, de Spike Jonze. O solitário Theodore encontra um porto seguro na sua assistente pessoal. Programada para se adaptar emocionalmente ao usuário, Samantha é uma clara porta para um mundo menos vazio, mas, ainda sim, falso.

Mas Theodore não é o primeiro filho desta inquietação. Vários outros personagens com traços semelhantes já foram retratados no cinema desde a virada do século.

Se hoje as redes sociais nos trazem uma crise da visão e da imagem, o risco está em cair numa má interpretação da realidade. Não estamos numa simples cadeia fechada de ciclos intermináveis que não pode ser rompida pois o sistema não permite inovadores. A arte, desde sua definição teórica, está para ser válvula de expressão pessoal. Mas, em escala maior, instrumento de manifestação e exposição

de uma ideia, uma história, um conceito, uma opinião. A comunicação anda junto com este cenário.

Muito se discute sobre as mudanças que a virada do século acarretaram na vida contemporânea. O cinema não está longe dessa discussão. Com o advento da sétima arte, o entretenimento passa a ser numa tela em movimento, num ecrã. Não mais as telas de pinturas ou cenas teatrais, mas imagens repetidamente ordenadas umas atrás das outras que formam movimentos, que formam cenas, que formam, enfim, filmes. Alguns anos mais e a nova forma de contar histórias também se modifica: uma tela menor. A televisão também, obviamente, alterou o estilo de produzir e consumir entretenimento.

De uma tela grande numa sala escura, para uma tela menor em sua própria casa, a produção audiovisual se molda para suprir as necessidades estéticas da arte e as necessidades econômicas da indústria. Além dessas duas emblemáticas telas, o século XXI chega e apresenta mais uma infinidade. Smartphones, tablets, GPS, smartwatches, projetores, óculos de realidade virtual. Os consumidores estão rodeados por telas.

Nesta transformação, aparece o que Gilles Lipovetsky, filósofo francês, chama de hipercinema. Em *A Tela Global*, Lipovetsky afirma: “Em menos de meio século passamos da tela-espetáculo à tela-comunicação, de uma tela ao tudo-tela”. Ou seja, as histórias contadas nas grandes telas se fragmentaram para uma junção de pequenas telas que rodeiam toda a vida na contemporaneidade. Tudo é uma tela, a tela é tudo.

Portanto, existem dois pontos tão dependentes quanto contraditórios em relação à vida contemporânea: os meios de comunicação intensificaram a individualização e a individualização pode - e deve - ser combatida pelos meios de comunicação.

A pergunta colocada aqui, ainda que ambiciosa, é conduzida por uma observação constante nos meios atuais: A comunicação pode ser instrumento de inquietação pessoal, motor de propulsão à saída da indiferença, do descaso, do vazio, do sem sentido?

Lipovetsky escreve que “No seio de sociedades onde os grandes sistemas futuristas não têm mais credibilidade, uma nova prioridade é dada aos pólos de identificação particularista, às raízes, aos laços comunitários que permitem compensar a dispersão, a confusão moral, o isolamento de indivíduos.”

Ele se refere ao cinema memorial.

E por que isso é importante? Por que criar laços com momentos onde nunca estivemos pessoalmente? Qual bem pode sair de visitar situações onde podemos reviver más lembranças? Onde podemos nos encontrar com traumas?

A comunicação têm, desde sua concepção mais básica, o inato poder de conectar. Conectar histórias, ideias, estilos, técnicas, formas, e, sobretudo, indivíduos.

Acadêmicos já abordam o poder memorial do cinema. Seja como documento para a história, seja como fonte da mesma. Michele Lagny denomina o cinema como uma simples “leitura do mundo”.

Ao abordar esta arte com a visão de uma representação das emoções e inquietações humanas de uma época, é fácil perceber o porquê de uma significativa quantidade de filmes introspectivos e reflexivos no século XXI.

As questões tratadas tanto por conhecidos quanto por iniciantes diretores revelam os anseios de uma sociedade imersa no conforto e no consumo, mas igualmente afundada pela desesperança.

O uso de nossas inquietações como início de uma construção criativa que procura sanar estas ambições de felicidade é uma das armas contra a indiferença que a comunicação pode oferecer.

Colocar o passado sob uma nova ótica de ressignificação da história, de memória dos acontecimentos e de fonte de conhecimento é um ato revolucionário de humanidade do cinema.

Além disso, olhar para o futuro como objeto de esperança através das ficções científicas é uma face deste diálogo promovido entre o ser humano e sua história. Não somente a história da humanidade, do universo, das coisas e de suas consequências, mas também de sua própria vida, seus próprios desejos e limitações.

Nesta onda, vemos novas tentativas de estruturas e estratégias narrativas. Aqui, nos atentaremos à intermedialidade.

Maurício Liesen afirma:

Em 1965, o artista do Fluxus Dick Higgins reivindicou pela primeira vez o uso da palavra intermedia, em um conhecido ensaio homônimo, para caracterizar certa produção de arte contemporânea que se expressava a partir da fusão conceitual [...] de suportes heterodoxos – tais como aparelhos de TV, blocos de concreto, rádios, recortes de jornal, pintura, música e teatro.

Hoje, essa produção de arte é óbvia. Há um boom adaptações de livros e cinebiografias, mas vemos que as grandes telas não conseguem mais conter os filmes. Ficções de fãs e mirabolantes universos cinemáticos são uns dos exemplos das mídias culturais e da hipermodernidade de Lipovestky.

A verdade é que essa era é uma faca de dois gumes. O perigo está em contar uma história genérica por uma questão moral. Pensar num universo para vender uma realidade alternativa, que distancia o espectador de conexões orgânicas com a narrativa.

Boas histórias já trazem consigo bons ensinamentos ou propostas reflexivas. Não é necessário programar o ser humano para sentir. O necessário é direccionar estes sentimentos para o que pode ser resumido em apenas uma palavra: arte.

Esse diálogo une o passado e o futuro ao presente, a ficção à realidade e, assim, o indivíduo à sua essência.